



1811 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 19 - Educação e Arte

ENTRE A TEORIA E A VIVÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA INSTALAÇÃO DE ARTE A PARTIR DO REFERENCIAL CRÍTICO SOBRE O TEMPO E O ESPAÇO DE ZYGMUNT BAUMAN

Simôni Costa Monteiro Gervasio - OUTRAS
Nara Rosane Machado de Oliveira - OUTRAS
Daren Chaves Severo dos Santos - OUTRAS
Cristiane Bueno da Rosa de Azambuja - OUTRAS
Sonia Maria da Silva Junqueira - OUTRAS

Resumo: O presente trabalho analisa uma performance artística realizada tendo por base o capítulo três do livro Modernidade Líquida de Zygmund Bauman. A temática do referido capítulo centrava-se na questão do tempo/espço, problematizando as relações sociais em um mundo atravessado por constantes transformações. Para expressar de maneira artística as análises teóricas do capítulo, optamos pela construção de uma instalação de arte, que consistiu em trazer para um ambiente específico objetos pré-selecionados no intuito de estimular as percepções sensoriais dos participantes, possibilitando a eles uma vivência concreta e prática das ideias do autor. Na instalação procuramos retomar alguns dos principais conceitos apresentados no capítulo, como: o não lugar, os espaços vazios, a cidade enquanto assentamento humano, o estranhamento entre as pessoas, o consumo, a instantaneidade do tempo, entre outros. Percebemos que com a experiência da instalação foi possível dar novos sentidos à leitura realizada, novos contornos e um aprofundamento de conhecimentos que não seria possível realizar apenas com a leitura do capítulo.

Palavras-chave: Modernidade Líquida, Performance Artística, Instalação de arte.

Resumo: O presente trabalho analisa uma performance artística realizada tendo por base o capítulo três do livro Modernidade Líquida de Zygmund Bauman. A temática do referido capítulo centrava-se na questão do tempo/espço, problematizando as relações sociais em um mundo atravessado por constantes transformações. Para expressar de maneira artística as análises teóricas do capítulo, optamos pela construção de uma instalação de arte, que consistiu em trazer para um ambiente específico objetos pré-selecionados no intuito de estimular as percepções sensoriais dos participantes, possibilitando a eles uma vivência concreta e prática das ideias do autor. Na instalação procuramos retomar alguns dos principais conceitos apresentados no capítulo, como: o não lugar, os espaços vazios, a cidade enquanto assentamento humano, o estranhamento entre as pessoas, o consumo, a instantaneidade do tempo, entre outros. Percebemos que com a experiência da instalação foi possível dar novos sentidos à leitura realizada, novos contornos e um aprofundamento de conhecimentos que não seria possível realizar apenas com a leitura do capítulo.

Palavras-chave: Modernidade Líquida, Performance Artística, Instalação de arte.

Um caminho até #InstaZig

No livro Modernidade Líquida (2001), o sociólogo Zygmund Bauman, retrata a transição de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida. Essa liquidez faz com que a sociedade seja mais bem adaptada aos meios e ambientes e, com grande facilidade, se esvai dos meios e ambientes, para assim tomar outra forma. O livro foi subdividido em cinco capítulos: Emancipação; Individualidade; Tempo/Espço; Trabalho e Comunidade.

Este trabalho surge, então, a partir da provocação em transformar a análise teórica do capítulo III (Tempo/Espço) em uma performance artística, entendida a partir de Camargo (2015, p. 5) como “uma palavra que percorre o tempo e seus sentidos, múltiplos”. Parte-se do entendimento de que a arte da performance ou performance art, tem como objetivo “fazer aquilo que já não mais se conseguiria de outras formas ou em outras formas” (CAMARGO, 2015, p. 9). É uma arte que se apresenta em espaços alternativos, mas também em espaços convencionais, como museus, galerias de arte ou, no caso específico tratado neste trabalho, no ambiente universitário, em um programa de pós-graduação *stricto sensu*.

A multiplicidade de sentidos e opções é o grande ganho na proposta ao permitir que os conceitos e ideias abordadas pelo autor ganhassem vida, forma e possibilidade de vivências. Para tal, o grupo de trabalho optou por trabalhar com uma instalação artística pensada como explica Fonseca (2007):

[...] uma expressão artística contemporânea que mistura objetos em ambientes preparados para estimular as percepções sensoriais (...). Nessa manifestação artística o artista tem como objetivo provocar o espectador a se aventurar, a perceber, a ter uma postura mais participativa extrapolando muito os limites do deleite com o belo, a criticar e refletir sobre a própria vida e o meio que o cerca. (FONSECA, 2007, p. 35)

Dentro desta perspectiva, teve-se como objetivo principal problematizar o capítulo III (Tempo/Espço) do livro Modernidade Líquida de Zygmund Bauman por meio de uma instalação artística, capaz de provocar e dar vida às reflexões propostas pelo autor, proporcionando aos espectadores as sensações e angústias discutidas e abordadas no campo teórico.

Após as primeiras leituras e discussões teóricas, o grande desafio foi escolher um espaço que pudesse abrigar a manifestação artística e que ao mesmo tempo compusesse um dos muitos espaços teorizados pelo autor. Nesse sentido, BAUMAN (2001), já ao apresentar um dos

conceitos chaves do capítulo, diz que “um não lugar é um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história” (BAUMAN, 2001, p.131) e auxilia a compreensão pela decisão em instalar a proposta em um corredor, sem luz, sem saída e sem utilidade. O espaço por si só já caracteriza outro conceito apresentado por Bauman, o dos “espaços vazios”, tido como lugares a que não se atribui significado. “Não são lugares proibidos, mas espaços vazios, inacessíveis porque invisíveis” (BAUMAN, 2001, p.131).

FIGURA 1: O antes e o depois do corredor com a instalação montada.



FONTE: Autores, 2017.

Definido o espaço, a construção da instalação passou a pensar nos elementos que auxiliaram a problematizar as ideias apresentadas. Optou-se por buscar fotografias que ao retratar os locais da própria cidade onde a instalação foi realizada, representassem a ideia de Bauman sobre as relações entre as pessoas e os lugares ao dizer que “uma cidade é um assentamento humano em que estranhos têm a chance de se encontrar” (BAUMAN, 2001, p.121) e argumentar que as pessoas são capazes de deixar de perceber os lugares que fazem parte do seu cotidiano demonstrando que em qualquer lugar do mundo os pressupostos apresentados por Bauman são possíveis, uma vez que estamos inseridos nessa modernidade líquida, mesmo quando não percebemos.

Com aparelhos celulares nas mãos, saímos para fotografar cenas e lugares da região em que vivemos, buscando aqueles espaços que acreditamos invisíveis, ou como diz Bauman “lugares a que não se atribui significado” (BAUMAN, 2001, p.131).

FIGURA 2: Fotos compuseram os painéis para cada uma das categorias organizadas.



FONTE: Autores, 2017.

Além das imagens, os sons também ajudaram a compor a atmosfera que escolhemos retratar. Com isso, logo que os espectadores iniciavam sua caminhada pela instalação eram acompanhados por um áudio que reproduzia questões do cotidiano em sociedade, seja por meio de notícias, anúncios publicitários, músicas, sons de sirenes e outros que comumente ouvimos, ou não, ao transitar pelas cidades. A forma ininterrupta em que os sons foram organizados tinha como intenção permitir aos espectadores a sensação de adentrar um túnel repleto de ruídos, ora inteligíveis, ora indecifráveis, quebrados pelas leituras de trechos da obra de Bauman, que em alguns momentos contou com a voz do próprio autor.

Outro ponto explorado foi o da questão do consumo, descrito por Bauman (2001) com um templo onde é possível desfrutar de outro mundo. Então, no centro do corredor, havia um pequeno bistrô, com um casal que ao mesmo tempo que estava junto para uma sofisticada refeição era separado pela instantaneidade e infinitas possibilidades que o mundo virtual nos possibilita. O templo de consumo, no caso desta instalação, oferecia o que Bauman descreveu como “o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança” (BAUMAN, 2001, p.127).

FIGURA 3: O templo do consumo bistrô.



FONTE: Autores, 2017.

Um dos elementos chave para a instalação foi a materialização do estranhamento em uma figura vestida de preto que se movimentava pelos cantos, debatia-se em suas questões e provocava os espectadores em um ambiente que diariamente transitam pessoas que se encontram, mas não se conhecem, pessoas que se veem e não se enxergam, pessoas estigmatizadas como “estranhas” a quem se deve temer, com quem não se deve falar, ou alguém que não se deva considerar pelo perigo que pode representar. Pessoas que passam a representar desconforto no convívio da sociedade líquida uma vez que são consideradas externas, revelando a “incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos” (BAUMAN, 2001, p.135).

FIGURA 4: Não fale com O Estranho.



FONTE: Autores, 2017.

Foi oferecida uma leitura da ideia da nova instantaneidade do tempo, de como Bauman percebe essa relação com o tempo na modernidade líquida, que muda radicalmente a modalidade do convívio humano, por meio um elemento construído para representar a interface de uma rede social em que os momentos de vida que divulgamos estão disponíveis por um curto período de tempo. Um espelho representava a tela digital, que somente tinha significado no breve instante em que o espectador/experimentador passava por ela.

FIGURA 5: Representação e possibilidades da instantaneidade.



FONTE: Autores, 2017.

Os espectadores, ao caminhar pelo corredor que era escuro e desconhecido, acompanhados somente pelas luzes de lanternas, que ora iluminavam algumas áreas e apontavam o caminho, ora se agitavam freneticamente pelo espaço, eram convidados a experimentar sensações auditivas, táteis, visuais e emocionais. A instalação estava montada, imóvel, de acordo com a compreensão do referencial teórico, porém cada espectador traçava seu caminho, se detendo nos elementos que pareciam lhe fazer mais sentido, construindo novos sentidos a partir do seu vivido.

As reações percebidas e relatadas foram múltiplas: espanto, angústia, sufocamento, risos, tensão e muitas outras difíceis de descrever, mas que talvez somente uma representação a partir de uma performance artística pode incitar. O alívio ao sair da instalação também foi compartilhado por muito dos espectadores, que puderam vivenciar a grande crítica que Bauman faz dos tempos líquidos ao destacar que o "advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não mapeado e inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido" (BAUMAN, 2011, p.163).

Considerações finais

Nosso objetivo foi problematizar o capítulo III (Tempo/Espaço) do livro *Modernidade Líquida* de Zigmunt Bauman por meio de uma instalação artística, capaz de provocar e dar vida às reflexões propostas pelo autor, proporcionando aos espectadores as sensações e angústias discutidas e abordadas no campo teórico. Imagens, sons, sensações e espectadores inspiraram nossas ideias para construir uma instalação e também permitiram a materialidade da teoria proposta por Bauman. Ao olharmos para nossa cidade de forma crítica e muito realista, percebemos que também compomos os espaços-tempos e ao construir a instalação e receber os espectadores observamos que nossos sentimentos se entrecruzaram com os nossos sentires relacionados a algumas faltas de percepções cotidianas.

Compreendemos que a performance artística, esta instalação que procurou materializar o referencial crítico sobre o tempo/ espaço, representou uma experiência no sentido compreendido por LARROSA (2002), para quem a experiência é o que nos passa, o que nos toca, o que nos acontece e não somente o que passa, o que acontece ou o que toca. A mera informação não é experiência. Podemos ler o livro de Bauman e saber coisas que antes não sabíamos, podemos conhecer sua teoria, mas também podemos dizer que nada nos aconteceu, nada nos tocou. Percebemos que ao vivenciá-la, seja durante a construção da instalação, seja durante a apresentação artística, cada novo conhecimento ganhou sentidos e contornos que somente o conhecer pela leitura não seria capaz de abarcar.

FIGURA 6: A entrada da instalação denominada #InstaZig.



FONTE, Autores, 2017

Referências

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMARGO, Robson Corrêa. **Per-formance e Performance Art: Superando as velhas tra(d)ições**. In Revista Moringa–Artes do Espetáculo, João pessoa, Universidade Federal da Paraíba, v.7, nº.1, p.11-27.2016. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/issue/view/1760>>. Acesso em 23/03/2018.

FONSECA, Maria da Penha. **Arte Contemporânea: instalações artísticas e suas contribuições para um processo educativo em arte**/ Maria da Penha Fonseca – 2007 165 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_96_MARIA%20DA%20PENHA%20FONSECA.pdf . Acesso em 23/03/2018.

LARROSA, Jorge B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19, Janeiro/Abril, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 23/03/2018.

